Arquivo "EDGARD LEUENROTH"
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
CX/23 UNICAMP 11/95

SÃO PAULO, 6 DE AGOSTO DE 1949

ANO 33 — NUM. 24 (Nova fase)

A PLEBE

Minha pátria é o mundo, todos os homens são meus irmãos e minha religião consiste em fazer o bem. — TOMAS PAINE.

PELA LIBERDADE COM O ANARQUISMO (Avulso: Cr$ 0,50 — Assinatura: Cr$ 30,00 — Caixa Postal, 5739) Director-Gerente: EDGARD LEUENROTH

Até quando esta exploração Burguesa?

O panorama mundial, sob qualquer aspecto em que seja encarado, aspecto economico, moral, juridico, educacional, apresenta-nos o quadro mais caótico, confuso e pavoroso com que a humanidade se tenha defrontado em qualquer época de sua longa, penosa e tragica historia, ou qualquer periodo de seu lento, lutuoso e interminho caminhar.

O tão decantado regime social, a tão glorificada civilização burguesa; este regime odioso e violento que a todos comprime, este tão falido e exaltado sistema de classes, de castas, de hierarquias, de exploração do homem pelo homem, de escravidão dos pobres pelos ricos, de trabalho forçado a troco de miserê salario, de guardas pretorianos que velam e garantem o sono, a fortuna e a vida faustosa das classes endinheiradas, às quais tudo é permitido, tolerado, necessivel, pois que o dinheiro é Deus todo poderoso, meta infativel que escala todos os céus, que arromba todas as portas, que desarma todas as resistencias, que desarma todas as carrancas; esta situação de privilegio e de monopolio vigente até agora e que, desde a grande Revolução Francesa de 1789, se implantou no mundo para ganudo, alegria e proveito dos mais espertos, dos mais inescrupulosos e dos mais audaciosos, chega ao seu fim, está em vésperas de se redizir ao pó de onde nunca deveria ter saido, para felicidade do genero humano.

A nau burguesa, o barco capitalistico vê-se cercado por todos os lados de lutuosos que lhe pedem contas de sua administração, de suas dilapidações, de seus crimes, de seus desperdicios e esbanjamentos, de suas orgias imorais e desenfreadas, de suas promessas nunca cumpridas, de suas guerras horrorosas, mortiferas e criminosas, de suas explorações inescrupulosas, inclementes, inenarraveis.

O povo, o operario, o trabalhador, os pobres, enfim, durante seculos e milenios, devido à infinita ignorancia e à vida ignobil, abjecta e escravizadora em que viviam e em que de proposito eram conservados, submetiam-se passivamente a todas as mais duras misérias, incapazes dum grito de revolta, dum gesto de altivez, dum movimento de repulsa, contra aqueles que, em proveito proprio, vivendo sem trabalhar, os submetiam à mais horrivel das escravidões, a uma vida de fome cronica, de trabalho infindavel, de afrontas incontaveis, e das quais só pela morte se podiam libertar.

Mas, como se diz nos Contos da Carochinha, tudo tem um fim. E' que, apesar de todas as dificuldades, o povo trabalhador e produtivo acabou por se convencer de que os seus donos, senhores, diretores, patrões, padres, papas, governantes, ganuns, funcionarios não passavam dum bando de velhacos e embusteiros que se prevaleciam da sua ignorancia e da sua estupidez e ingenuidade, para explorá-los, em proveito proprio, vivendo ferios, magnificos, ufanhacos, luxuosos, enquanto os que trabalhavam dia e noite, durante longa vida de sofrimentos e canceiras, sem folga, sem conforto, sem tregoas, viviam mais sordidamente de que os porcos no chiqueiro, porque estes, ao menos, gozam bastante sem trabalhar.

E nos porcos foram perdendo a confiança em seus mentores, perdendo o respeito nos seus pagés, nos padres, nos patrões, todos eles empanados e interessados em manter-nos cegos e estupidos por toda a eternidade. Começaram a organizar a resistencia e a discutir com as suas exploradores e a mostrar-lhe os punhos fechados e a ranger-lhes os dentes, como desafiando a todas as vilezas impostas e sofridas. E foi o desmanchar da feira. Abriu-se a brecha nas muralhas do fortetiro tabagico e por onde os trabalhadores assaltaram a cidadela capitalistica. Desvaneceu-se a confiança depositada nos seus amanhãs. Os trabalhadores, o povo em geral, sabem já que promessas, amavios, palavras lisongeiras, não passam de engano na boca dos politicos e dos patrões. E' a isca com que os pescam. É a ufanhaca com que procuram fisgá-los para o seu partido, para o seu clube, para o seu programa, oferecendo-se tudo em troca mandar e outros obedecer, em uns gozar e outros trabalhar, em uns passar à historia, enquanto o exercito dos trabalhadores não passa, é lerisado de illustre estimate desconhecido, como condenado à sua vida de miseria e à sua situação de eterno menor e de eterno escravo.

Desvaneceram-se, ouvem, as duvidas, dissiparam-se as nuvens, levantaram-se as cortinas, tornaram-se todos os seus enganos e misérias com que as classes exploradoras illuseriam a boa-fé do povo produtor. Este acabou por ver que tudo era farofa, mentira, embustaria criminosa, estafada, interesseira. Os operarios começam por compreender e constatar que, quem não trabalha é que passa do bom e do melhor, vive em palacios, veste os mais finos e macios sedas, viaja nos mais luxuosos, confortaveis e rapidos trens, automoveis, aviões e vapores. Abre a boca e mil serventuarios se apressam a servi-lo, tendo só seu alcance tudo que possa desejar, querer, aspirar, apetecer. As mulheres mais belas e requintadas cedem aos seus caprichos ou inclinações; os governantes e autoridades curvam-se aos seus cumprimentos e executam suas ordens; a multidão passa-lhe diante cheia de fausto, orgulho, riqueza e desprezo. Ao contrario, os trabalhadores que tudo produzem nada têm, nada desfrutam. Construindo os ricos palacios, moram em cubiculos; tecendo as brilhantes sedas e as quentes castanhas, medem-nas ou vestem trapos sordidos dados pela caridade; cultivando as perfumosas frutas, os dourados trigos e os cachos vinosos, não as comem nem o bebem; e, tudo produzindo, só conseguem em troca carregar com a desprezo universal da multa exploradora. Mas chegaram as horas do despertar. Os temos estão maduros e as mentes abertas para proximos e grandes acontecimentos. A situação é de crise local, nacional, mundial, universal. A crise é total e multifavia em todas as suas manifestações e em todos os setores: crise financeira, crise economica, crise religiosa, juridica e essencialmente crise de caráter e crise de autoridade, que ninguem pesta nem respeita. Todos querem mandar e ninguem quer obedecer. Todos querem com o mínimo de esforço ou mesmo sem esforço algum, o maximo de lucros, de benefícios, de vantagens. O espirito de sacrifício, de abnegação, de desprendimento e de renuncia foi desterrado de ha muito para fora das fronteiras do globo, e ninguem que se atrevesse, hoje em dia, a preconizá-lo e aconselha-lo e, melhor ainda, em pratica-lo, seria incalcrelado e crucificado, ou electrocutado como Sacco e Vanzetti.

Nesta corrida louca atrás da riqueza, dos prazeres, das paixões levadas onde só ganha muito a troco de conversa fiada, romperam-se todos os diques, aniquilaram-se todos os compassos da moral, da ponderação, da decencia e do respeito a outras pessoas, convertendo-se em bandeira a vaidade e os interesses burgueses à mantenesse de pé.

Essa fase, porém, está ultrapassada. Os proprios erros, crimes e traições dos mandões e donos de tudo e de todos levaram à ruina e desmoralização do proprio sistema. Agora estão às voltas com problemas certhanosos com que a sua malicia e ignorancia nunca tinham sonhado e os quais não querem, nem podem, nem sabem resolver. Sem alma, sem nalma. Tão bom como tão bom. Quem semeia ventos colhe tempestades, diz a velha sabedoria das nações. Sim, sim, a carangueiola burguesa, a fachenda da burguesia, a ufanhaca capitalista, vai mais cedo ou mais tarde, na verdade, ao seu ocaso e à sua cinza e em decomposição. Leremos à tenga na barra para não nos confundir.

DEMOCRITO

"A PLEBE" venceu mais um marco em sua peleja contra todas as trapaças e em prol do bem-estar e liberdade para todos. Completou 32 anos, em junho passado. Congratulemo-nos mutuamente, libertarios do Brasil e trabalhemos para que este orgão dos oprimidos prossiga em batalhar anarquico.

E' para estes horrores da Santa Inquisição que o imperialismo ultramontano pretende novamente arrastar a humanidade.

A Vida e o Anarquismo

Permitam-me, do início, acentuar: não pretendo ensinar a verdade anarquica, sem sentir que está a negar a propria vida.

Empluemo-nos, ergueu a vida em fundamentos anarquicos e, se assim não fosse, como entender a esplendorosa harmonia que a mesma atesta, o mundo de seres que nela se contem, orientados para um mesmo fim, o do equilibrio e da unidade, a do igual.

Ver, como dos fenomenos vitais de nosso corpo resulta dia por dia, numero de atividades estreitadas e ordenadas para um unico bem, o da conservação da Vida.

Pesquisando, simples revestimento outrebeo até o cerebro, encontramos instintos tiraces de auxilio mutuo; é o mais alto legado ao rigado; é o osso amparando o sangue; é o intestino, o coração, o pulmão, todos unificados para um mesmo objetivo — manutenção das condições que mantenham a vitalidade.

Quando acontece de uma parte ser agredida, sofrendo solução de continuidade, o todo reage automaticamente, vivando a separação e o retorno ao ponto de partida de unidade e todo vivia que perdeu harmonia.

Em toda essa multiplicidade associativa não se vislumbra nunca uma imposição, uma autoridade, não que se proponha uma superioridade, os fenomenos se passam sem controle, num todo liberto, confederado, em coação, em livre troca, e tudo para uma resultante unica e sui bem maior, da Saude.

Perguntarão porque essa confederação orgânica, [illegible] as vezes usando deficiencias, insuficiencias e chegando a sucumbir extemporaneamente. Sobrevem então a morte tal qual um catacliasma desagregando o todo, servendo-o completamente. Numa pesquisa incessante em ajuntar as causas, a medicina classifica a morte; certos aspectos das doenças têm sido alcançados num sentido certo e que estão a exigir maior destaque.

Estudando-se o capitulo da mortalidade infantil, notamos todos os trabalhos no sentido conscientes de que a causa principal da morte das criaturinhas é a fome. Fome e pobreza, e carencia e desarmonia social.

E foi isso explicar, portanto, que a desigualdade social contraria a vida. O anarquismo aspira a um desejada harmonia e se apresenta como a organização biologica. Dizem que a arte copia a realidade, porque se copiada e tem como exemplo maximo a organização biologica. Dizem que a arte copia a realidade, porque se copiada e tem como exemplo maximo a organização biologica. Referimo-nos ao assassinio coletivo das criaturinhas; e o que dizer da tuberculose, decorrente da doença social pelos latifundiarios, que [illegible] a alimentação, a habitação insalubre, as promiscuidade e a ignorancia como causas principais da [illegible]?

Prima, pois, que convir e inegavelmente que a harmonia social da anarquisia, eliminando todos esses males, favorece a vida prolongando-a. Realmente, a sociedade de todos os tempos tem tido, sua organização gravemente enferma e milenarmente reflete-se inclemente sobre a espécie humana.

Inúmeros exemplos poderíamos alinhar para [illegible] os direitos da sociedade não anarquista e que se chocam com a perfeita engrenagem do apoio mútuo do nosso organismo, [illegible] [illegible] compromisso.

Tomemos o caso do recem-nascido que, recem-chegado de um mundo ideal, topa com um outro cheio de hostilidades.

E' a fome, o cretismo, as grandes; o desease, o tel, o Estado, a contravenções [illegible]

Um renomado pediatra de Sao Paulo [illegible]

(Continua na 3ª página)

Recomendo Ideias...

O Estado deve ser recusado como pedagogo. Se houve professores eficientes, e se ainda os ha em todos os departamentos de ensino, não se deve isso ao fato de serem estes professores investidos pelo Estado, de funções pedagogicas. Foi no contrario, porque eles se libertaram da tutela do Estado. Pessoalmente, por conta propria, criando viveiros de [illegible] [illegible] margem do Estado, entregando-se para as Experiencias livres com os centros e associações culturais e organizando os Congressos internacionais [illegible] o Estado mesmo leva a solidade de alguns infelizes indivi[illegible] ou a discurso de alguns políticos em foco, os elementos de todos os níveis de cultura estão contribuindo para o desaparecimento do Estado.

FELIPE ALAIZ

Programa Anarquista

III — A LUTA ECONOMICA

O mal que pesa mais directamente sobre os trabalhadores — e que é a razão principal de todas as sujeições morais e materiais que eles sofrem — é a opressão economica, isto é, a exploração que os patrões e o Estado exercem sobre o trabalho, graças ao monopolio de todos os grandes meios de produção e de troca.

Para suprimir radicalmente o duma vez para sempre, esta exploração, é preciso que o povo, em seu conjunto, esteja profundamente convencido de que o uso dos meios de produção é um direito natural do trabalhador. E é preciso que ele ponha em pratica esse direito, pela expropriação dos que monopolizam o sólo e a riqueza sociais. A terra e as riquezas devem, efectivamente, ser postas à disposição de toda a coletividade.

Pode-se, porém, imediatamente proceder a esta socialização integral? E' possivel passar directamente, sem grau intermediario, do inferno em que vive hoje o proletariado, ao paraiso da propriedade comum?

Os fatos demonstrarão do que são capazes atualmente os trabalhadores.

A nossa missão consiste em preparar o povo moral e materialmente, em vista da expropriação necessaria, ousando e renovando a tentativa todas as vezes que um abalo revolucionario nos oferece ocasião, e isso sempre até o triunfo definitivo.

Mas de qual maneira poderemos preparar o povo?

De que modo poderemos preparar as condições que tornarão possivel, não só o fato material da expropriação, mas a utilização, em proveito de todos, da riqueza comum?

Dissemos, mais acima, que somente a propaganda falada ou escrita, será impotente para conquistar para as nossas idéias a massa popular em conjunto. E' preciso uma educação pratica, que seja alternadamente, a causa e o resultado da transformação gradual do meio. E preciso desenvolver entre os trabalhadores o sentimento reivindicador, despertando o seu desejo de melhorar, por seu proprio esforço, as suas condições sociais. E' preciso que todos juntos, unidos e solidarios entre si, sustentem uma luta sem treguas para a obtenção de seu bem-estar e de sua liberdade.

E nós, como anarquistas e como trabalhadores, devemos estimulá-los e encorajá-los à luta e lutar com eles na primeira fila.

Mas — dir-se-á — são possiveis, em regime capitalista, esses progressos parciais dentro da situação material e moral dos trabalhadores? E, se são possiveis hoje, são úteis desde o ponto de vista da futura emancipação integral pela transformação social?

Qualquer que sejam os resultados praticos da luta pelas melhorias imediatas, a sua principal utilidade reside na luta mesma. E' por ela que os trabalhadores compreendem que os patrões e os governantes têm interesses opostos aos seus, e que não poderão melhorar as suas condições — ainda menos emancipar-se — de outra maneira que unindo-se todos e tornando-se mais fortes que os patrões. Se conseguirem obter o que pretendem, tanto melhor! Ganharão mais, trabalharão menos. Terão mais tempo e força para refletir sobre as coisas que lhes interessem, e todos sentirão logo desejos maiores, sempre cada vez mais altos e elevados. Se nada conseguirem, serão levados a estudar as causas de seu insucesso e a conhecer a necessidade duma maior união, duma maior energia e compreenderão, finalmente, que para vencer, definitivamente, e com toda a certeza, é preciso abolir o capitalismo. A causa da transformação social, a causa da elevação moral dos trabalhadores e de sua emancipação não podem senão ganhar, pelo fato dos trabalhadores se unirem e lutarem pelos seus interesses!

Mas, ainda mais uma vez, é possivel que os trabalhadores consigam, no estado atual das coisas, melhorar realmente de condições?

Isso depende do concurso duma infinidade de circunstancias.

Apesar do que alguns digam, não existe nenhuma lei natural — "lei de bronze dos salarios" — que determine a parte que cabe ao trabalhador do produto de seu trabalho. Ou, se se quer formular uma lei, ela não pode ser outra que a seguinte: **O SALARIO NAO PODE DESCER NORMALMENTE ABAIXO DO QUE E' NECESSARIO A CONSERVAÇÃO DA EXISTENCIA, E NAO PODE NORMALMENTE ELEVAR-SE AO PONTO DE NÃO DEIXAR QUALQUER LUCRO AO PATRÃO.**

E' claro que, no primeiro caso, os operarios morreriam e assim não receberiam mais salario; e que, no segundo caso, os patrões deixariam de dar trabalho e, por conseguinte, nada pagariam. Mas, entre esses dois extremos possiveis, há uma infinidade de graus que se vão elevando desde a miseravel condição de muitos trabalhadores agricolas até à quase decente dos operarios especializados das grandes cidades.

O salario, o horario diario e todas as outras condições de trabalho, são a resultante das lutas entre governantes e patrões, dum lado, e operarios de outro. Os primeiros procuram dar aos trabalhadores o menos possivel e esfalfá-los até ao esgotamento completo; os trabalhadores coalizando-se, ou deveriam, esforçar-se, por trabalhar menos e ganhar mais. Quando os trabalhadores se contentam com pouco, quando, descontentes, não sabem opor uma resistencia solida — são bem depressa reduzidos a condições de vida quase animalescas. Quando, ao contrario, eles tem um alto conceito do que deveriam ser as condições de existencia de seres humanos; quando sabem unir-se e, recusando-se a deixar-se explorar, demonstram uma ameaça latente ou expressa na revolta, ou sendo fazer-se respeitar dos patrões e dos governantes, são tratados duma maneira relativamente suportavel. De modo que se pode dizer que o salario, em certos limites, é o que o operario exige — não como individuo bem entendido, mas como classe.

Portanto, lutando, resistindo à exploração patronal, os assalariados podem opor-se, até certo ponto, à agravação de sua situação, e mesmo obter melhorias reais. A história do movimento operario já demonstrou esta verdade.

E necessario, porem, não exagerar o alcance dessas lutas entre explorados e exploradores no terreno exclusivamente economico. As classes dirigentes podem ceder, e cedem de fato às exigencias operarias espremidas — a menos que elas não ameaçem a existencia do regime.

Mas, quando os assalariados começarem (e é urgente que o façam) a reclamar aumentos tais que absorvam todo o lucro patronal e constituam, de qualquer forma, uma expropriação indireta, e certo que os patrões e governantes jogarão a ultima carta: Procurarão reduzir, pela violencia, os operarios às condições de exploração que formam a base da existencia de todos os privilegiados.

E, por outro lado, muito antes dos obreiros poderem pretender, como compensação de seu labor, receber o equivalente social do que eles têm produzido, a luta economica demonstrar-se-á insuficiente para assegurar o melhoramento da sua vida.

"Todas as riquezas são o produto do trabalho, e sem ele o homem não poderia viver", afirmou-se com razão. Parece, pois, que, com a luta, os trabalhadores poderiam impor todas as suas vontades. A união, porem, de todos os explorados, mesmo numa unica profissão, mesmo limitada a um só país, é dificilmente realizavel. De mais, a união dos operarios opõe-se à coesão de todos os privilegiados de qualquer categoria. Ora, os primeiros vivem dia a dia, e, se fazem greve, fazem logo sem pão. Os outros dispõem de estoques, de dinheiro, e de toda a organização social existente; podem, portanto, esperar que a fome tenha reduzido os assalariados à sua discreção. A invenção e a introdução de novas maquinas lançou um grande numero de trabalhadores no desemprego, aumentando o numero dos sem trabalho aos quais a fome obriga a vender-se não importa por que preço. A imigração traz de repente, nos paises cuja condições são mais favoraveis, multidões de trabalhadores sem recursos, os quais, queiram ou não queiram, dão ao patronato o meio de diminuir os salarios. E todos esses fatos resultam necessariamente do sistema capitalista, arrisca contrabalancar o progresso da consciencia e da solidariedade operarias. Possuem mesmo um efeito mais rapido que esse progresso, que detêm e destroem.

Em todo caso, fica sempre esse fato primordial que a produção, no sistema atual, é organizada por cada empregador para seu proveito pessoal e pelo governo para as necessidades de sua existencia guerreira: a sua "direção" não é de modo algum orientada para satisfazer as necessidades dos trabalhadores.

Assim, a desordem, o desperdicio das forças humanas, a rarefação voluntaria dos produtos, os trabalhos nocivos e domésticos, o desemprego, o abandono da terra, o uso incompleto das maquinas, etc — são outros tantos males que é impossivel evitar sem arrancar aos capitalistas a posse dos meios de trabalho e, por consequencia, a direção da produção. E a utilização militarista e burocratica das forças humanas para a morte e não para a vida está indissoluvelmente ligada a existencia dos governos.

Aos operarios que desejarem emancipar-se ou simplesmente melhorar seriamente o modo de sua existencia, apresenta-se, quase imediatamente, a necessidade de se defender contra o Estado, a necessidade de combater o Estado, que — legitimando o direito de propriedade e sustentando-o pela força brutal — constitue uma barreira inexpugnavel ao progresso. Alem disso é preciso acabar com os regimes de tirania, se se não quiser voltar para trás, a uma nova escravização do produtor, tornado escravo do guerreiro.

A luta economica é preciso aliar a insurreição, quer dizer, a luta contra a força organizada. Em lugar do choque com os milhões constituintes das marros tosões penosamente reunidos nas caixas sindicais, é preciso tomar a fazer trabalhar as usinas pelo povo. Aos fuzis e aos canhões que defendem o regime, é preciso opôr os meios mais eficazes que o povo puder encontrar para vencer a força pela força organizada. Este é o problema da luta "politica".

A VIDA E O...

(Conclusão da 1ª página)

lo teve ocasião de publicar um livro no qual tratou da mortalidade infantil. Sem o saber, creemos nós, defendeu tese anarquista. Em seu valioso depoimento, sustenta o autor que o problema da infancia só poderá ser resolvido através da iniciativa particular, que confiar no Estado é matar em terra fria nada se devendo esperar de uma maquina burocratizada, emperrada, gasta e decrepitada. Prossegue afirmando que cabe à iniciativa particular estimular a elevação do nivel familiar, porque só assim teremos uma descendencia sadia e promissora.

Elevação do nivel familiar é da doutrina anarquista e seu raio de ação procurado converter todos os povos numa família unica, ligada pelo anarquismo, realisa de onde dimana a propria vida.

A proposito de como infantil, li numa revista o que se chegou a fazer em tempos remotos com os lettieros que adulteravam o produto. Em praça publica era-lhes administrado, em forma de clister, a quantidade de água ajunta no leite.

Hoje, entre nós, tem-se chegado a dar o leite aos porcos, a fim de não baixarem o preço do produto! Quanto ao clister, é método policial para aqueles que têm o desatemor de afirmar o seu ideal de raivinhando socialista, leiteiros e donos de usinas engordam. As nossas criancinhas vão morrendo como salamandras. Santos, Recife, Rio de Janeiro etc. ocupam, no cenario mundial, os primeiros lugares na classificação dessa mortalidade.

E a vida vai sendo solapada pela sociedade absurda que se abatuma em fazer sofrer os pequenos, os moços e os velhos. Vida sonegada, bloqueada, encurtada, sem futuro.

E das chamadas neuroses, que dizer? A ser verdade que o nosso inconsciente é uma espécie de porão velho onde se guardam coisas inuteis, podemos imaginar o que acontecerá no dia em que a vida baseada no anarquismo não lhe propiciar esses traste. O desaparecimento das obcessões, das ansiedades, dos complexos de inferioridade, serão frutos magnificos a colher, não havendo na sociedade anarquica clima para neuroses e desajustamentos. Personalidades conscientes de mentes higienizadas. E a vida retomará o seu curso normal, interrompido após o parto.

A biologia e a medicina, libertas dos onus sociais, tomarão feições diferentes para melhor; e a vida terá, então, a definição que até hoje lhe quizeram dar.

FRANCESCO DE MILANO

Curso Popular de Higiene Mental

Tendo em vista difundir gratuitamente a cultura nos meios populares, o Centro de Cultura Social, em colaboração com o Centro de Estudos Franco da Rocha e a Universidade Popular "Presidente Roosevelt", organizaram novo Curso de Higiene Mental, cujas aulas estão a cargo de ilustres medicos psiquiatras do Hospital do Juquery.

Seguindo o método adotado nos anteriores series de palestras terminadas há pouco tempo, nas aulas do presente curso serão permitidos debates e troca de idéias com os oradores, dando assim, oportunidade às pessoas interessadas de melhor assimilarem os conhecimentos expostos pelos mesmos.

A primeira palestra do Curso Popular de Higiene Mental está a cargo do Dr. Hilton Neves Tavares, que dissertará sobre o tema: "VALOR DA HIGIENE MENTAL", a ter lugar no dia 6 do corrente, às 20 horas. Todas as conferencias serão realizadas no salão do Centro Galego, à rua Jairo Góis, 88, esquina da Av. Rangel Pestana (Bairro do Brás), que tambem presta o seu concurso a esta obra de difusão cultural, cedendo o salão onde funcionou a primeira série. Entrada franca.

Foi organizado o seguinte itinerario para a realização das conferencias do Curso Popular de Higiene Mental:

AGOSTO

6 — Valor da higiene mental — Dr. Hilton Neves Tavares

12 — Literatura, cinema, radio-emissoras, etc. e higiene mental — Dr. José A. Gomes

20 — Influência do meio ambiente na vida psíquica — Dr. Otavio L. B. Salles

27 — Colaboração do professor no programa de higiene mental — Dr. José Ferraz Salles

SETEMBRO

3 — Constelação familiar e higiene mental — Dr. Pedro da Silva Dantas

10 — Vida sexual do adolescente — Dr. Stanislau Kaiski

17 — Desajustamentos conjugais — Dr. Carlos Mesquita

24 — Acidentes do trabalho e higiene mental — Dr. Erisan Borges Carneiro.

OUTUBRO

1 — O alcool e a higiene mental — Dr. Paulo Bratelli

8 — Selação profissional como medida de higiene mental — Dr. José Longman

15 — Pensamento magico e higiene mental — Dr. Anthero Barata Barradas

22 — Crianças problema. Delinquencia infantil. Menores abandonados — Dr. Spartaco Vizzotto

29 — Significação da politica na sociedade moderna — Dr. Milton Sabbag

NOVEMBRO

5 — Neuroses de guerra — Dr. Abraim Mathias.

ESPELHO DO CAPITALISMO

POLITICA DE SOPAPOS

Para aqueles que ainda acreditam que dando o seu voto para eleger os representantes da lei nas camaras e assembleias legislativas cumprem um dever cívico, o noticiario quotidiano dos jornais em suas secções de comentarios parlamentares, deve deixá-los decepcionados. E' raro o dia em que como notícias não se refiram a fatos como estes: "Sapopes e pontapés entre vereadores na Camara Municipal"; "Assassinado o presidente da Camara de Coromba-ba"; "Assaltado o vereador Osvaldo Hacser em São Bernardo do Campo"; "Conflitos na Camara Municipal de São Bernardo"; "Tentaram assassinar o sr. Nelson Fernandes, presidente da Assembleia Legislativa"; "Insultos entre deputados" e outras coisas semelhantes que referem a modalidade e o lamaçal em que se atendem os representantes do povo, eleitos pelo voto para tratarem dos seus interesses, e que consomem muitos milhões de cruzeiros arrancados ao povo por meio de impostos, que podiam ser aplicados em beneficio da cultura, do bem-estar do povo, se não houvesse ainda papalvos que preferem entregar a esses representantes a solução dos seus problemas, dando-lhes a voto.

CRONICA DO CRIMES

Assaltos em pleno centro da cidade, roubos a latrocinios, noticias de tiroteios que violentam inocentes e gatunos e que depois estrangolam para não serem denunciados, tragedias conjugais, criancas no abandono, suicidios, talencias, desastres e acidentes de trabalho, miseria, fome, prostituição, corrupção administrativa, vagabundagem, mendicidade, guerras de conquista, tuberculose, sifilis, é este o rosario de contas que a burguesia capitalista oferece à vida de todos aqueles que leem os jornais, ouvem os comentarios, assistem e participam da trágica exposição dos frutos desta sociedade tão decantada pelos fanaticos do oriente!

E é este cardo de coisas que os anarquistas pretendem substituir por uma organização social onde todos tenham o seu lugar ao sol, onde o amor, a liberdade, a justiça, a abundancia, a cultura, as artes e a felicidade sejam coletivas, porque todos poderão usufruir dos beneficios que a ciencia e o trabalho, conjugados para o bem-estar de todos, podem e devem proporcionar: — a organização social dos povos livres, do apoio-mutuo, da anarquia.

"ACÃO DIRETA"

Este nosso brilhante colega que se publica no Rio de Janeiro, sob a direção do nosso companheiro José Oiticica, completou mais um ano de atividade.

Bravo! Um abraço a todos os militantes que lhe dedicam sua atividade.

As contas de "A Plebe"

Publicamos neste numero a relação das contribuições voluntarias, de assinaturas e donativos destinados à manutenção deste orgão propagador dos principios libertarios. Acompanha essa relação as indicações das despesas feitas.

Para bem que quem não veja mencionada alguma contribuição, fará o favor de nos dar imediata comunicação, escrevendo-nos para a Caixa Postal 3739, São Paulo.

IMPORTANCIAS RECEBIDAS

De Contribuições avulsas:

São Paulo: Dionisio, 70,00; S. R., 30,00; Adeno, 10,00; E. M., 35,00; Cico, 15,00; J. P., 50,00; Paula, 70,00; L. G., 200,00; N. V., 30,00; J. M., 40,00; Dirce, 30,00; C. A., 50,00; P. B., 20,00; R. S., 20,00; A. G. G., 20,00; J. V., 60,00; R. M., 10,00; J. H., 50,00; R. G., 20,00; C. B., 10,00; E. R., 10,00; Navarro, 6,00; A. M., 5,00; P. R., 20,00; P. B., 50,00; Burico, 30,00; J. D., 100,00; Luiziano, 60,00; J. C., 200,00; V. M., 10,00; Total .. 1.610,00

Jaú: J. L. A. P. N. 60,00

Alagôa Nova: Simpatizante . 50,00

Estado Unidos: G. F. 34,80

Sorocaba: Por int. de M. T. . 145,00

Mogi das Cruzes: A. G. ... 100,00

Pelotas: J. S. M. 200,00

Anastacio: J. O. 120,00

Palmeira: A. D. 220,00

Santos: F. L. S., 100,00; Prof. M., 25,00; M. P., 100,00; Maneco, 30,00; Diversos companheiros, 300,00; Total 475,00

Campinas: Int. de A. P., 100,00; A. P., 300,00; M. A. L., 95,00; B. S., 10,00; E. R., 4,00; O. P., 30,00; L. F., 25,00; R. A. B., 10,00; N. F., 5,00; Total 579,00

Rio Grande: C. V. 200,00

Total Geral 5.598,80

De assinaturas:

Dionisio, 30,00; H. R., 30,00; R. M., 30,00; M. R., 30,00; A. R., 30,00; H. V., 30,00; V. M., 30,00; Int. de Almeida: A. S., 30,00; H. V., 30,00; J. S., 30,00. Total 300,00

De folhetos (Paraiba) 31,00

De vendas avulsas 216,00

De Contribuições Avulsas:

São Paulo: Grupo Artistico, 2.770,00; U. A. S. P., 1.000,00. Total 3.770,00

Saldo anterior 1.058,80

Total das entradas 5.909,60

SAIDAS

Selos, colas, impressos e transportes 652,20

Impressão de 3 numeros 5.500,00

Total 6.152,00

Confronto:

Entradas 5.909,60

Saidas 6.152,20

Saldo 247,40

Os Nossos Mortos

R. GONZALEZ PACHECO

A imprensa argentina traz-nos a noticia da morte, no dia 4 do corrente, do camarada Gonzalez Pacheco.

Nas fileiras do movimento libertario abre-se um claro dificil de preencher, com a morte desse grande dramaturgo e jornalista que deu as idéias sob forma viva através das personagens de seus dramas crioulos.

"La Inundación", drama intenso da vida, de um realismo profundo e chocante, marcou a personalidade de Rodolfo Gonzalez Pacheco. Poeta da terra quente e rebelde, imprimiu às suas obras um estilo pessoal só igualado por Florencio Sanchez, de quem era amigo e camarada. Como o fundador do teatro uruguaio, que escreveu as obras mais representativas de uma época nas mesas dos cafés bejmos, em formulas para telegramas que ia buscar aos balcões de Telegrafo Nacional, Gonzalez Pacheco era desprendido totalmente de interesses materiais. Rico de talento, era pobre de fortuna, porque ele não se limitava a dar sua capacidade intelectual ao movimento anarquista; dava-lhe tambem os parcos recursos que auferia do seu trabalho.

Nascido na provincia, em Tandil, no ano de 1882, morreu com a idade de 27 anos. Mas os seus escritos, principalmente os seus "Cartoles" em "La Antorcha", e, presentemente, em "La Obra", eram empunhados de tal vivacidade e audacia, que ninguem os poderia atribuir senão a mentalidade jovem de um moço exuberante de idéias e força. E' que Rodolfo Gonzalez Pacheco vivia nas idéias e eterna juventude dos desprendidos. Ginevra será o futuro da humanidade com olhos de idealista, vislumbrando o mundo novo, iluminado pelo sol da liberdade!

Era tal a força de expressão que se irradiava de suas obras, que a sua influencia ultrapassou os limites da imprensa anarquista, conquistando o meio ambiente.

"Las Viboras", uma de suas peças, recebeu o primeiro premio da Associação de Critica de Buenos Aires; obteve depois distinções da Comissão Nacional de Cultura, por "Manos de Luz" (1940); da Academia de Ciencias e Artes Cinematograficas da Argentina, Sociedad Argentina de Autores por "Cuando aquí habia Reyes" (1946).

Entre suas peças teatrais, todas de luta e fundo social, destacam-se "Campo de hoy, amor de nunca"; "Juan de Dios, milico e paisano"; "Nacer un pueblo"; "La Inundación"; "El Sembrador"; "A Contramano"; "Hombre de plaza publica" e "Compañero".

Como novelista, Gonzalez Pacheco se destacou em "Una chica fea". A sua produção jornalistica em "La Antorcha" formia 5 volumes, publicados sob o mesmo titulo que sempre manteve naquele orgão anarquista: "Carteles".

Ela aí o fecundo labor do camarada aóora falecido, labor anarquico, de polemica, de intensa e profunda significação idealista.

No terreno da propaganda, Gonzalez Pacheco estava em toda a parte onde se fizesse mister a sua presença vem, pensam, e agem como anarquistas: olhando sempre "Leggio, Furno de militante anarquista, dos que vila parte deve se leva li sotel..."

MARIA LUISA BERNIERI

Os camaradas que se habituaram a ler os jornais anarquistas de lingua italiana devem lembrar-se do nome de Camilo Berneri.

Esse camarada italiano, que foi um continuador da obra de Malatesta na militancia do movimento libertario da Italia, covardemente assassinado pelos bolchevistas em Barcelona durante a empolgante revolução espanhola, deixou em sua filha, Maria Luiza Berneri, a herança revolucionaria que caracterizou toda a sua vida de militante e teorico do anarquismo.

Caráter inflexivel e reto, audacia e firmeza de convicções, a par de uma beleza fascinante e de grande cultura, cultura e beleza que lhe davam um grande atrativo pessoal, Maria Luiza Berneri, que a morte arrancou ao movimento anarquista internacional com a idade apenas de 31 anos, tinha já atingido lugar proeminente nas fileiras dos grandes teoricos das idéias. Exercia uma influencia decisiva no movimento que só habitualmente velhos companheiros, traquejados na luta podem exercer.

Essa influencia, produto excepcional de uma familia inteiramente dedicada à causa da liberdade, era ainda da consequencia da sua propria personalidade temperada no calor das refregas idealistas.

Nascida em Arezzo, na Italia, conheceu, ainda jovem, as amarguras do exilio, acompanhando seu pai, que teve de abandonar a Italia, para não trair o movimento libertario submetendo-se às exigencias do fascismo.

Quando na Espanha rebentou a revolução libertaria, Camilo Berneri, que não era apenas o teórico do anarquismo, mas homem de barricada e de luta, deixou a França, onde vivam exilados, tendo Maria Luiza de interromper os seus estudos universitarios.

O contacto com a realidade anarquista do movimento espanhol forneceu à filha de Camilo Berneri elementos de grande valor psicologico para a formação da sua mentalidade revolucionaria.

Apesar da sua pouca idade, pois a morte ceifou-lhe a vida quando justamente se começa a ter idéias mais precisas, Maria Luiza Berneri já contava com vasta bagagem jornalistica.

Tendo seguido a leva de refugiados espanhóis, após o colapso da revolução, em 1939 chegou à Inglaterra, onde a sua influencia logo se fez sentir, concorrendo, com a pena, a palavra e a sua presença nos departamentos governamentais, onde ia reivindicar a libertação dos muitos refugiados tratados como prisioneiros de guerra, para que estes, não só fossem tratados como seres humanos, mas tambem libertados.

A sua colaboração no jornal anarquista "Freedom", e, sobretudo, a sua influencia teorica no "War Commentary", de Londres, bem como as suas palestras e conferencias nos meios culturais londrinos, granjearam-lhe a admiração, inclusive dos meios artisticos e intelectuais alheios ou indiferentes ao movimento anarquista.

Deixou à posterdade anarquica o livro "Workers in Stalin Russia" e havia terminado há pouco "Journey Through Utopia", que deverá ser publicado ainda este ano.

Maria Luiza Berneri morreu como anarquista. O seu sepultamento, na manhã de 23 de junho p.p., foi um ato simples. Jaz à sombra de duas arvores, lembranças no parque Ken Wood, proximo a Hampstead Heath.

Foi, sem duvida, uma grande perda para o movimento anarquista internacional, a morte da digna companheira filha de Camilo Berneri.

SOUZA PASSOS

O inferno dos camponeses

Com a desvalorização dos produtos agricolas em consequencia do desequilibrio economico mundial, cujas causas estão na fórma da organização social capitalista-autoritaria, apresenta-se e constitue no momento presente um verdadeiro inferno, a vida do trabalhador rural.

Todos sabem como é triste a vida nas fazendas, onde ainda predomina o regime da escravidão moral e economica. O colono, que geralmente trabalha desde o romper de dia até fechar a noite, vê-se na dura contingencia de não ter meios com que sustentar a familia, porque a maior parte dos fazendeiros não pagam aos trabalhadores, para esbanjarem o dinheiro na propaganda politica dos partidos a que pertencem.

Não é verdade que os fazendeiros estejam na miseria. A miseria só atinge as familias dos colonos, daqueles que realmente trabalham a terra e a cultivam, daqueles que produzem.

Enquanto o miserável trabalhador do campo se estafa na luta do trabalho, sem ter conforto nem pão, sem poder educar os filhos nem ao menos ensinar-lhe as primeiras letras, os magnatas da lavoura esbanjam milhares de contos na fomentação de intrigas politicas. E esses contos são arrancados ao suor dos colonos, à vida de suas filhas, que definham na rude luta das cafesais, e às necessidades do estudo que têm os seus filhos, com mais direitos do que os filhos dos seus patrões porque estes nunca negaram na enxada ou na foice.

E' tão angustiosa a situação dos camponeses, que para descrever a tortura da fome e da miseria que assolam as suas choupanas seria preciso gravar as palavras em letras de fogo, na historia dos crimes do capitalismo. Há diversas partes em que os colonos não podem nem mesmo abandonar as fazendas, não só porque têm os salarios a receber e não os regalem, como tambem porque essa situação se generalizou e por todas as fazendas campeia a mesma fome hoje, o mesmo regime de miseria e de angustias dolorosas e eles, sem recursos, sem dinheiro, estiolando as suas vidas, amarrando as suas desventuras, são forçados a permanecer ali sob o azorrague do feitor ou o cabo de relho do administrador geral.

Mesmo quando a lavoura dá dinheiro o colono vive em completa denendencia dos seus senhores, porque o regime imperante nas fazendas escravizou-os de tal maneira, que nunca mais, uma vez entrados para o serviço, conseguem ver-se livres.

Acontece o mesmo ao pequeno arrendatário, que vive amarrado aos interesses do negociante que o fornece durante o ano em troca da colheita, que nunca lhe chega para pagar o que deve, seja pouca ou muita, porque a venda do negociante, tornando-o verdadeiramente escravo, e deixando-o apto a servir politicamente aos interesses do negociante, que dispõe dele como de um objeto, que o obriga a se devotar inteiramente a ele.

Mas essa situação não pode perdurar. Estamos numa época em que a humanidade tem de optar por qualquer dos dois caminhos: ou se deixa esmagar pelo Estado que garante à burguesia a continuação dos seus crimes, impondo, pela força e pelas violencias um regime de tiranos, onde a liberdade individual desaparece, fomentando as guerras e cultivando o odio, ou reage e se revolta, derrubando todas as Minas de tirania e apoderando-se, todos os produtores, da riqueza social, para implantar um regime de igualdade e bem estar, onde os camponeses, os trabalhadores da industria, todos os que trabalham e produzem sejam senhores de si mesmos e possam dispor da sua liberdade!

Tragedia Nordestina

Os jornais têm publicado, em seu noticiario tragico dos fatos policiais, por varias vezes, noticias referentes à tragedia das populações nordestinas, obrigadas a imigrar como farrapos humanos em busca, não da fortuna, mas simplesmente dos meios com que possam saciar a fome.

Quem já tenha assistido à chegada, na Estação Roosevelt, das levas de retirantes, ao morrer do inverno, deve sentir a dolorosa tragedia daquela gente, destocada de um meio hostil e agressivo, que abandona tudo e parte, com os olhos fitos na cidade grande, em busca de trabalho e de alimento. Há poucos dias, os jornais noticiaram este fato impressionante pelo seu realismo, que bem reflete a injustiça e miseria da sociedade burguesa: a "caboca" da policia foi à Estação Roosevelt buscar o cadaver de uma conterrânea que morreu de fome e frio nos bancos de sua mãe, numa leva de imigrantes nordestinos!

O ANARQUISMO EM FACE DA IGREJA

Alguns camaradas têm dirigido perguntas à redação de A PLEBE e pessoalmente aos companheiros que estão encarregados da sua confecção redatorial, acerca da posição que assumimos em face do recente ato do Papa, uma especie de decreto de excomunhão em que o ditador do Vaticano, fazendo a politica mistificadora da Igreja, se coloca onde não pode deixar de estar: esbravejando do trono papalino em defesa das instituições sociais que permitem ao clero explorar o sentimento religioso das massas dominadas pelo atavismo secular e mantidas propositadamente na ignorancia, as suas orengas inflamadas pela colera contra tudo que represente ciencia e progresso.

Para a Igreja, a humanidade não devia ter ultrapassado os limites daquele estado de estupidez e ignorancia que lhes permitia o dominio absoluto das consciencias. O mundo deveria ter parado na negrura do feudalismo dentro do qual imperavam os tribunais da Santa Inquisição, transformando numa senzala de escravos postos ao serviço da Divina Providencia!

Mas, iluminada pelo clarão das verdades cientificas, a humanidade apagou as fogueiras inquisitoriais e fundiu os instrumentos de tortura que constituiam os veículos de convicção com que a Igreja impunha os seus dogmas. O rebanho humano deixou a passividade tola que caracterizava a sua ignorancia medieval e conquistou a sua independencia do jugo a que estava submetido em virtude da mentira religiosa.

E' claro que, mudando de tática, o clero foi-se adaptando, sorrateiro e intrigante, com o proposito de não perder o ensejo de oprimir e dominar, às novas formas politicas que passaram do feudalismo às republicas democraticas de hoje, tornando-se aliado e sustentaculo de todas as formas de governo, dada a sua eficiencia como anestizador de vontades através de uma catequização que tem por base o confessionario e que transporta ao seio da familia o dominio da Igreja. Por sua vez, todas as formas de governo, vendo na Igreja a pedra angular do poder, pela sua ação catequizadora, dá-lhe as mãos, tornando-se aliados na opressão e na tirania.

Feitas estas ligeiras considerações, podemos agora, e estamos à vontade para o fazer, dar resposta às pessoas que nos interpelaram sobre a nossa atitude em face do clerical "decreto".

Os anarquistas sempre se mantiveram, com relação à questão religiosa, dentro do mesmo criterio formado pelas convicções adquiridas no livre exame dos fatores que impedem o homem de ser livre. Quando dizemos livre, não nos referimos a essa "liberdade" de que o individuo desfruta hoje, nesta sociedade "democratica" e "republicana" ou "socialista", de escolher a forma de escravidão; não nos referimos tambem à carta de alforria do passado feudalista em que o individuo fazia parte da propriedade pertencente ao seu senhor: não. Quando falamos em individuo livre compreendemos a liberdade no seu mais amplo sentido: liberdade de amar, produzir, consumir e crear. A liberdade que, para todos os individuos, só encontra obstaculos na liberdade dos seus semelhantes. Quer dizer, o conceito de liberdade tão elevado, que o respeito à liberdade de semelhante seja, para cada individuo em sociedade, a unica restrição à propria liberdade!

Assim sendo, os anarquistas, embora discutindo-os e mesmo combatendo-os, respeitam os sentimentos religiosos daqueles que sintam, por atavismo ou ignorancia, a necessidade de cultivar esses sentimentos, enquanto deles não se liberarem não, embates ou livre exame. O que os anarquistas condenam e sempre combateram é a exploração do sentimento religioso pela casta sacerdotal, parasitaria e improdutiva, transformada em casta dominante e substantaculo do Estado, fonte de todas as miserias e desequilibrios sociais. E nisto divergimos de todas as correntes politicas, inclusive da chamada corrente comunista que, partindo de um principio revolucionario com a revolução russa, enveredaram pelo caminho da tirania, estabelecendo a ditadura de seu partido e nela se mantendo há mais de duas decadas. Como é sabido, os chamados comunistas adotaram, por tatica do partido a que obedecem, a politica da mão estendida ao clero, trocando a sua aversão a esta casta pela hipocrita concessão de uma necessidade partidaria. Foi com o voto dos comunistas italianos que venceu na constituinte da Italia a corrente clerical, legitimando o tratado de Latrão, que concede ao clero prerrogativas que não devia ter numa época de republicanismo e democracia: o direito de continuar explorando a bôa fé das massas em carater oficial e como organismo do Estado.

Os anarquistas estão hoje onde sempre estiveram: contra todas as formas de poder, laico ou religioso, e marcham pelo caminho da liberdade à conquista da verdadeira paz social, a paz consequente do bem-estar e da felicidade para todos os seres humanos.

F. G.

DESTINO

Talhado na rocha da vida, eu trouxe comigo o anarquismo. Como o rosal traz a rosa e o cardo traz o espinho. Isto sabem-no todos quantos se atravessaram no meu caminho; bateram com o nariz nesta verdade de pedra: Sou anarquista!

E' de verdades assim, com raizes na rais, que as plantas se enguirnaldam e os uberes se entumecem. As vaquinhas de brinquedo e as flores de papel são as crianças encantam. Ninguem vai por isso construir um estabulo ou plantar um jardim. Mas eu, sim, disposto a plantar um jardim e construir um estabulo.

Em a natureza não há lugar para os dilelantes. Vaca ou figueira, sob quaisquer condições, a qualquer hora, cumprem seu dever sem guardar conveniencias. Eu tambem. Não faço alarde nem nomito meu destino. Vá ou venha quem queira, com faca ou pau, revolver minhas pegadas, verá o que deve ver: por ali passou um anarquista.

Contra mim não há nada externo que valha: nem caricias nem violencias, nem verdades nem mentiras. Todos os homens do mundo, olhando-me de frente com juizos e opiniões contrários as minhas, não me fariam mudar de idéia nem diminuir meu anarquismo. Queiram eles ou não, serei sempre eu mesmo.

Sempre. Claro que ainda melhor, se nesta jornada encontro companheiros! Estes são aqueles a quem mais quero. Sempre mais. Porém, se o que neles há de anarquismo, se nega, relaxa ou diminue, eu continuarei sempre o mesmo: sempre anarquista! Sempre!

Talhado na rocha da vida, eu trouxe o anarquismo, como o rosal traz a rosa e o cardo traz o espinho. O destino deles é esse. E este é o meu destino.

R. Gonzalez Pacheco

NOTA DA REDAÇÃO: O poema em prosa que hoje publicamos, do camarada R. Gonzalez Pacheco, há pouco falecido, conforme noticiamos em outra parte do jornal, é um dos seus "CARTELES", que durante muitos anos saíram em "La Antorcha" de Buenos Aires e depois, em "La Obra", onde o saudoso companheiro desenvolveu grande parte de suas atividades como jornalista do anarquismo. E' uma homenagem que rendemos ao camarada morto.

LIVROS QUE RECOMENDAMOS

"Proudhon" — (Su vida y su correspondencia) — Casainte Bouvo — edição castelhana ..... Cr$ 35,00

"Malatesta" — (Su vida y su pensamiento) — Luigi Fabbri Cr$ 25,00

"Em torno de uma vida" — Pedro Kropotkine ..... Cr$ 35,00

"Luiza Michel" — (La virgen roja) — Irma Boyer, enc. Cr$ 45,00

"Teoria da existencia e incertezza do Deus" — Charles Duclas ..... Cr$ 20,00

"As idéias absolutistas do Socialismo" — Rudolf Rocker Cr$ 15,00

"La historia de la Revolución Francesa" — Pedro Kropotkine ..... Cr$ 35,00

"O que es la Propiedad?" — Proudhon, enc. ..... Cr$ 40,00

"O Anarquismo ao alcance de todos" — José Oiticica .... Cr$ 18,00

"Sermões da Montanha" — Tomás da Fonseca ..... Cr$ 40,00

Pedidos à Caixa Postal, 5739

SÃO PAULO — CAPITAL

A PLEBE

SÃO PAULO, 6 DE AGOSTO DE 1949 — ANO 33 — NUM. 24 (Nova fase)

O Tabelamento dos Generos

Carestia Insustentavel

A triste e tragica carestia dos generos de primeira necessidade que assoberba, especialmente as classes pobres, longe de sofrer qualquer suavização e abrandamento de preços, exacerba-se cada vez mais, sofrendo dia a dia majoração de valor, tornando a vida do pobre um calvario ingreme e doloroso atras do pão de cada dia, que lhe custa os olhos da cara, adquirindo muitas vezes potrelas deterioradas, falsificadas, putrefactas, que não pode comer ou que lhe arruinam a saude, sempre combalida pelo mau ambiente em que vive e pelas dificuldades da existencia.

Ha uma Comissão de Tabelamento que outra coisa não é mais do que um modo dos governantes fingirem interesse pela baratezа da alimentação popular, mas que, ao contrário, não passa de vil comedia, de poeira lançada aos olhos do povo, como se costuma dizer. De fato, o que essas comissões têm feito até hoje? Unica e simplesmente aprovar, concordar, ambientar, ratificar os aumentos sempre impostos, solicitados pelos esfomeadores do povo, o aceitos, tolerados e apoiados pelos membros das ditas comissões de tabelamento. Dir-se-ia que são comissões pro aumento de todos os generos de primeira necessidade criadas para fomentar, justificar e acudir à ânsia e ambição de todos os exploradores, que, sem terem em conta a miseria das populações, aspiram a enriquecer da noite para o dia, ficando milionarios, ostentando suntuosidade por todos os poros da pele, pouco lhes importando que o povo morra de fome por falta do necessario, habite em cubiculos anti-higienicos, e veja morrer as suas crianças por falta de agazalhos, de alimentação adequada, de remedios apropriados.

A historia desse tabelamento é curta em anos, mas é bem longa na serie de miserias que tem acarretado as populações de parcos recursos, acobertando com a sua capa de protegão e misericordia os encarecidos, acambarcadores e esfomeadores do povo.

Como os leitores estão lembrados, com o desencadear da ultima e abominavel guerra houve encarecimento de generos e de todas as utilidades necessarias à vida domestica e social do povo. Quando os jornais anunciaram que os governantes cogitavam de tabelar os generos, houve logo nova, pronta e ascencional elevação de preços. Depois vieram as comissões de tabelamento, mas o seu efeito foi simplesmente nulo, negativo, pernicioso. O comercio, a industria, o câmbio negro, toda a serie de tubarões solicitam e pleiteam e reclamam aumentos de preço e as ditas comissões vão cedendo, vão transigindo com a ambição dos exploradores do estomago e do suor do povo, como ainda agora aconteceu com o leite, com o carvão, com o açucar. Ha açucar de sobra, não para vender para o estrangeiro a preço reduzido, até para transformar toneladas de açucar mascavo em alcool, à custa da nação, pois foi pedido na Camara Federal um crédito de 50 milhões de cruzeiros para esse fim. Reparem bem os leitores, são pedidos ao país, no povo, aos contribuintes brasileiros, 50 mil contos para que o monopolio do açucar, que outra coisa não é para que o Instituto de Açucar e Alcool possa desviar do consumo alguns milhares de toneladas do mesmo açucar e assim o que sobrar poder ser vendido mais caro ao pobre povo consumidor.

Ha açucar de sobra. O Brasil foi sempre o país classico dessa tão doce cana que o produz, um dos maiores produtores do genero. Por isso, o açucar era dos produtos mais baratos, mais acessiveis à mesa do pobre trabalhador. Agora, porém, tudo mudou. Em meia duzia de anos tal alimento atingiu preços fabulosos, tornou-se artigo de luxo, como, de resto, tudo o mais que é necessario à vida diaria, ao uso domestico, à monutenção do lar.

Mas, voltando à questão do tabelamento, lembremos o que aconteceu no começo da fanfarra e assombrosa carestia. Desencadeada a guerra e a desenfreada exploração dos insaciaveis especuladores, ante a grita do povo e da imprensa, o sr. Getulio Vargas chamou o seu lugar-tenente sr. João Alberto, que se encontrava no Canadá, como Consul, e encarregou-o de conseguir as medidas indispensaveis a pôr cobro aos desafoados esfomeadores do povo. Mas, claro, foi pior a emenda do que o soneto. O sr. João Alberto chegou, viu, tomou o pulso aos grandes tubarões, e a seguir pediu que o mandassem para o Brasil Central entrar em contacto com os indios Chavantes, menos ferozes de que os selvagens homens de negocios das cidades brasileiras... De fato, lembrem-se bem os leitores, o sr. João Alberto veio até São Paulo. E que aconteceu? Ora, foi recebido pela Associação Comercial e pela Federação das Industrias que lhe ofereceram um grande banquete, regado à champanha e onde houve discursos e elogios mutuos entre os anfitriões e o interventor das subsistencias. E' que depois duma recepção tão imponente, era impossivel tomar medidas que pudessem ferir de perto ou de longe ou mesmo prejudicar os interesses de tão conspicuos cavalheiros. O contrario seria uma prova de ingratidão e de falta de gentileza. Depois vieram as tais comissões de preços, que nada resolveram em favor do povo, e só serviram para tapear, para negacear, para decepitar. O povo, à espera que a comissão trabalhe e defenda os seus interesses, deixa de agir por si mesmo, organizando resistencia, convocando comicios e reuniões de protesto, enfim, gritando, clamando, revoltando-se contra a escandalosa roubalheira do seu suor e do seu dinheiro. E é isso que os tubarões querem: a indiferença, o descaso, a paciencia, o sono do povo, para eles poderem mais à vontade, com todo o sossego, com toda a pachorra, roê-lo até aos ossos e, se possivel, vender-lhe até a pela para dela fabricar tambores.

E passam-se os meses e os anos, mas essa maldição de carestia não esmorece, não se entibia, não se encolhe. Pelo contrario, dia a dia, ante a indiferença do povo e dos governos, e a impunidade dos tribunais, cria novos bríos, lança estiraçar e sempre novos tentaculos de polvo implacavel, que não abandona a presa senão depois de sugá-la até ao tutano, senão depois de lhe ter bebido a ultima gota de sangue.

Povo brasileiro, trabalhadores em geral, operarios, até quando deixarás prolongar-se esta situação abusiva, vexatoria, criminosa, abominavel?

PINHO DE RIGA

Esta é a situação da maioria dos que trabalham, em contraste com a vida faustosa dos que os exploram.

Os Maus Pastores

Os anarquistas de Paris arrancam a mascara dos promotores de um "Contra Congresso" da Paz

Precedido de grande publicidade, em que foram empregados todos os recursos, desde a vasta campanha, por varios dias, através das paginas do jornal "Franc Tireur", o orgão de Paris de maior tiragem depois do "Figaro", aos cartazes sugestivos e notas da imprensa, instalou-se, no dia 30 de abril, do corrente ano, em uma sala da Sorbonne, um congresso promovido pelo Partido Socialista Francês, com a finalidade de combater o "Congresso da Paz", que, promovido pelos elementos stalinistas, tivera lugar, pouco antes, também em Paris.

Os debates foram iniciados com a palavra de um individuo que não pode inspirar confiança aos trabalhadores, e o menos autorizado a falar da paz e liberdade democratica: Depreux, ex-ministro do Interior, "pacificador" de Madagascar, o massacrador dos arabes. Ao Gran... Valamos como "Umanità Nova", o valente orgão anarquista à frente do qual se encontra o nosso velho companheiro Gigi Damiani, em Roma, se refere aos acontecimentos que se verificaram nesse "contra Congresso" da Paz, em que os stalinistas, propositadamente arredados pelos seus promotores, conseguiram apoderar-se da tribuna, conquistando o direito de falar: "Depreux, digno porta-bandeira daquela prostituta que se acha instalada no Palacio Bourbon, que é o Partido Socialista, esse partido que sincronisa as moas em todas as cozinhas ministeriais, que se organiza de agotins em seu seio um Moch, um Blum, um Gouin e até um Depreux e se declara "leal gerente do capitalismo"; este partido, que vota todos os creditos militares, que se associa à carnificina indochinesa, azeriaga os trabalhadores, é que, na França, como em outras partes, tem cavado profundamente, com suas aguas sujas, a base no gigantesco edificio do pensamento livre — o socialismo, que hoje não passa de uma fachada detrás da qual se escondem a mistificação e os traidores; este partido, cuja biena desdentada, cinico explorador da ingenuidade popular, durante o longo e monotono comicio da Sorbonne, absteve-se de pronunciar as palavras de paz e liberdade.

Todos quantos lá estiveram, os "grandes" cientistas, os grandes escritores, os grandes filosofos, os deputados ingleses, os socialistas alemães, os Paul Rivet e companhia, não acharam senão um politiqueiro como Depreux para interpretar os seus sentimentos revolucionarios de velhos "chefes de guerra" de saberem lhe cabe a honra de sacrificar os deveres historicos do presente, conservaram-se nos limites da ação que, para eles, é um profundo abismo, daquilo que, para os homens corajosos, constitue uma verdade difícil, mas luminosa: a Revolução Social.

Esta palavra foi lançada somente pelos nossos camaradas que puderam falar, apenas por dois minutos, de fim da manifestação, quando a multidão já abandonava a sala. Era necessario, portanto, uma revanche. O acontecimento se deu, ainda na Sorbonne. Mas estava lá reservada uma esmagadora derrota no Velodromo de Inverno.

Os acontecimentos, porém, não conduziram para essa segunda reunião. Mas lá estiveram igualmente. E como...!

NO VELODROMO DE INVERNO

Uma fila ininterrupta de vendedores do "Le Libertaire", orgão da Federação Anarquista Francesa, estendia-se desde o "metro", até as portas do Velodromo de Inverno. Data a idéia de haver sido o "meeting" organizado pela F. A. (Federação Anarquista).

Na imensa sala se reuniam aproximadamente 4.000 pessoas. Não era um sucesso, dada a vasta publicidade que se fizera em torno dessa nova manifestação publica.

O nosso companheiro Fontaine pediu dois minutos de tempo para falar, trazendo, assim, a palavra da Federação Anarquista às massas que ali estavam para ouvir palavras de liberdade e de paz. David Roussel, Altman e Fraisse e outros membros da mesa se opuseram, dizendo que a Federação Anarquista não existia. Isto significava ignorar centenas de revendedores do "Le Libertaire" e de nossas camaradas presentes.

Fontaine se retirou para o meio dos assistentes, disposto a apelar para a opinião da plateia nos intervalos entre um discurso e outro, para não perturbar os oradores.

Depois do discurso de Inacio Silone e de Francis Perrin, foi dada a palavra a um cientista atomico americano, Charles Compton, cujo discurso foi um monumento de inconsciencia e uma serie de homenagens à força atomica.

A presença deste homem, membro da Comissão de Defesa Nacional, sob o comando de Stimson, ministro da guerra dos EE.UU., era uma provocação. Ao terminar seu discurso, ouviram-se, entre alguns aplausos, gritos de reprovação e de protesto.

Foi então que o nosso camarada Fontaine, erguendo-se do meio do auditorio, reclamou para a Federação Anarquista o direito à palavra, que lhe tinha sido recusada, para protestar contra o discurso do Compton.

Ante a recusa de Altman, que presidia os trabalhos, a esta reagiu vigorosamente o outro os gritos retoridos de "a palavra à F. A.", um grupo de companheiros ocupava a tribuna à força com que Fontaine fosse ao microfone. Nesse meio tempo, Garry Davis, o "cidadão do mundo", procurou ler uma declaração, enquanto Fontaine, instalado na poltrona presidencial, demonstrava que os organizadores deviam ter em conta que a F. A. existia.

Depois de um discurso digno da nota de David Roussel, Fontaine tomou a palavra. Sob um profundo silencio, apenas interrompido por grandes tempestades de aplausos, o nosso companheiro, depois da barra, em poucas palavras, colocando as coisas no seu lugar, esclarecendo que A. liberdade não se dá de presente, que se conquista, demonstrou como era possivel construir a Paz, dentro do socialismo libertario. Isto é, destruindo-se as causas da guerra: o capitalismo, o Estado.

"Os proletarios não lem partes", recorda Fontaine, que conclue exprimindo a sua convicção de poder vencer a batalha da Paz. Se, um grande número de esforços empregados, a guerra, certamente, não uma vez, a Federação Anarquista conseguiu os famosos livros, cujo custo é muito, a preferir-se fora dos "mangas" na cidade europeia à luta imperialista sob o uniforme dos Estados Unidos, ou da U.R.S.S.

Assim terminou a manifestação pública do Velodromo de Inverno. Depois, o seu curso — devemos-o sinceramente — um nosso companheiro leal, foi agredido estupidamente por uma dúzia de membros do "Rassemblement Democratique Revolutionnaire". Não nos esquecemos disso!

Um Cromo — Aparencia e Realidade

LIBERTO LEMOS REIS

Num arrabalde não muito distante da Capital paulista, para os bandos de nascente, existe um recanto que parece privilegiado entre os da terra, impossivel, contudo, dizer que diferença o distingue dentre os outros que o vizinham. Impossivel, mesmo, porque essa diferença é aparente, mas não verdadeira.

Vista desde longe, na linha do horizonte, quando os ultimos clarões do dia que finda, num crepusculo de outono, emprestam aos contornos das coisas naturais ou criadas pelo homem certa harmonia distana e imprecisa, nos as rigidas das linhas abruptas que as inundações da luz meridiana fizera sobre a superficie da planicie, a impressão poderosa que domina o observador é que a vida lá deve ser diferente.

Como num primeiro plano de quadro vivo, formando a cercadura que separa o bairro industrial do agricola, num meio da cacetea Sant. do vale, aparecem, ao norte, um horto de eucaliptos gigantescos, altaneiros, esbeltos e irregulares, dando combra com suas frondes mensas, umas compactas, outras mais abertas, porque folhosas e tujos ramos se alargam mais. As cortas de capitulhos estreitos, entrelaçados aos olhos de madrasilvas floridas, que estendem o ar livre, de cada lado, do eucalipto, ao longo, muros verde-negro, impenetrável e ensombrado, estendendo-se por grandes hectares de terreno, aparecem, como os eucaliptos, as ultimas casas da zona suburbana das primeiras chacaras da rural. Entra o norte e o sul, na boca dite separa o horto e o pasqui, como num esmeraldino tecido de veludo macio salpicado de arbusto, em cujos folhinhos se delineiam as borboletas, as abelhas, os beija-flores e outras mil variedades de passaros e insetos a esvoaçar em volta de suas flores, vêem-se três ou quatro casas com as paredes e os telhados encerrados nela salina de cal branca.

Quem terá a invejavel fortuna de viver numa dessas casas onde, por certo, a felicidade deverá ser completa? ... Quem passará ali — os dias, desde o amanhecer, quando os primeiros raios do sol, num beijo de suave carícia, conviram todos os seres da natureza a se expandirem na perene festa da propria vida, até o cair da tarde, quando a ferideira luz do crepusculo, sol vai se extinguindo lentamente, vagarosamente, como que apagada pela manto negro da noite que se estende pela imensidão do espaço? ... Quem, nas noites ardentes da primavera, terá o incomparavel gozo de contemplar a incrivel luminosidade da lua cheia, por entre as ramagens das árvores que parecem dormir sentenciadas pela doce aleiro da brisa noturna, ou o tremulsir das estrelas distantes, nas frias noites do inverno ...

— Amarga realidade! ... Triste ilusão da existencia!... Melhor fôra não a conhecer.

Foi num domingo de chuva que cheguei lá por lá passar, dando um passeio pela manhã da cidade.

Ás ruas, esburacadas, lamacentas, cobertas de poças de sujeira, com quase intransitaveis. As arvores que ornamentavam, quando estavam cuidadas com arame farpado e guardadas por soldados, pedindo que alguem pudesse nos dias quentes, tomar com a abundancia de sua sombra.

A primeira dar casas, que se dirigiu nesse lugar, longe pelas duas portas da frente, era um botequim, onde um velho, auxiliado pela mulher e um filho, distribuia aos moradores da redondeza "Bebidas finas — Nacionais e estrangeiras" — como anunciava um cartaz de propaganda.

Eram duas horas quando lá cheguei.

Um radio, enlatado a 1 lo e volume, transmitia aos freqüesos a reportagem de uma partida de futebol. A freguesia, dois rapazes e quatro homens de meia idade, sentados em caixões de sabão e nos sacos de mantimentos que estavam tombados no chão, com tamanho ardor, enquanto discutiam o jogo, xingando-se e ameaçando-se, acalorados pelo alcool e pela paixão do futebol.

Eram eles os moradores daquelas "casas", casas, produtos dos vicios, miseria e podridão desta sociedade em decomposição.

Um 22-1-47.

FESTIVAL DO CENTRO DE CULTURA

Realizou-se no dia 16 de julho p.p. mais um festival do Grupo Dramatico do Centro de Cultura Social, com a representação do emocionante drama "Os Mortos", de Florencio Sánchez, numa tradução e adaptação do camarada Pedro Catalo.

Não obstante haver não realizado em local diferente e fora da mão, o que prejudicou o número de assistentes que costumam comparecer a esses festivais, ainda assim concorreu com a presença de muitos camaradas que aplaudiram intensamente o trabalho dos interpretes da peça, bem no temperamento naturalista, pois todos se desempenharam de seus papéis com magnifica força de vontade e capacidade interpretativa.

Seguiu-se à representação da peça "Os Mortos", um ato de variedades, que também agradou a todos quantos assistiram ao festival.